

**FOI APENAS UM SONHO: O DESPERTAR DO AMERICAN DREAM****REVOLUTIONARY ROAD: THE AWAKENING FROM AN AMERICAN DREAM****LEONARDO LANI DE ABREU<sup>1</sup>****GABRIEL RODRIGUES RIBEIRO DE OLIVEIRA<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O título da obra *Revolutionary Road*, publicada por Richard Yates em 1961 e lançada no Brasil com o nome *Foi apenas um sonho: rua da revolução*, é uma sutil ironia sobre o estilo de vida do casal formado por Frank e April Wheeler. Apesar de terem um alto nível de aspiração, eles são compelidos pela normatividade de seu meio cultural a adotarem um padrão de comportamento dentro das convenções tradicionais, o que contraria suas convicções mais profundas e os conduz a toda a sorte de problemas. O romance escancara a violência oculta sob o manto da banalidade do *american way of life*, cujo signo mais ostensivo é o consumismo estéril, alimentado por uma atividade laboral que afasta o sujeito da possibilidade de alcançar uma identidade autêntica. O presente estudo busca analisar os valores que movem os personagens sob uma perspectiva interdisciplinar, que envolve simultaneamente a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia, a Literatura e o Direito, consoante a proposta de Barthes. A principal premissa aqui defendida, similar à ótica do pluralismo jurídico, é a de que todas as instituições sociais, em especial a família, são centros produtores de normas, que têm a função de conformar as atitudes de seus integrantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** alienação; aborto; norma; cultura; liberdade.

**ABSTRACT:** The title of the book *Revolutionary Road*, published by Richard Yates in 1961 and launched in Brazil under the name *Foi apenas um sonho: rua da revolução*, is a subtle irony about the lifestyle of the couple formed by Frank and April Wheeler. Although they have a high level of aspiration, they are compelled by the normativity of their cultural environment to adopt a pattern of behavior within

---

<sup>1</sup> Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2003). Graduado em Direito pela Universidade Federal da Grande Dourados (2008). Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2006). Especialista em Direito Processual Civil pela Fundação Escola do Ministério Público (2010). Professor da Universidade Federal do Acre – UFAC. E-mail: [leo\\_lani@hotmail.com](mailto:leo_lani@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduando em Direito pela Universidade Federal do Acre – UFAC. E-mail: [gabriel\\_rodrigues\\_oli@hotmail.com](mailto:gabriel_rodrigues_oli@hotmail.com)

the traditional conventions, which contradicts their deepest convictions and leads to all sorts of problems. The novel opens wide the hidden violence under the cloak of banality of the "American way of life", whose most conspicuous sign is sterile consumerism, powered by a work activity that keeps the subject of the possibility of reaching an authentic identity. This study seeks to analyze the values that drive the characters in an interdisciplinary approach, involving both anthropology, sociology, philosophy, literature and law, according to the proposal of Barthes. The main premise defended here, similar to the perspective of legal pluralism is that all social institutions, particularly the family, are producing centers standards, which have the function of shaping the attitudes of its members.

**KEYWORDS:** alienation; abortion; standard; culture; freedom.

## INTRODUÇÃO

A literatura, desde sempre, apresenta-se como um material privilegiado para refletir sobre as intersecções entre cultura e direito, instâncias nas quais o conceito de norma ocupa posição central. O direito não passa de uma manifestação cultural, tal qual a arte, a religião, o trabalho e o entretenimento. Cultura, conforme Rattner (2005, p. 2), é a “parte do ambiente produzida pelos homens e por eles aprendida e utilizada no processo contínuo de adaptação e transformação da sociedade e dos indivíduos”. É fácil perceber que o direito não é algo dado, mas sim um produto do intelecto humano, um artefato cultural, comparável a qualquer outra expressão humana, tanto material, como prédios, vestimentas, culinária, ferramentas, como imaterial, tais quais crenças, moral e folclore, sendo que “o conjunto desses elementos constitui aquilo que chamamos de identidade” (Brito, 2008, p. 43).

A cultura corresponde a um conjunto hierarquizado de conhecimentos compartilhados entre membros de uma mesma comunidade, cujas dimensões vão desde um núcleo familiar até o âmbito global. O direito, como toda construção cultural, é um elemento identitário, ao funcionar um índice de pertencimento, por meio do qual se pode identificar o grupo do qual faz parte o indivíduo que dele faz uso. Contudo, cultura e direito não se confundem, estabelecendo entre si uma relação de gênero e espécie, ou melhor, de ordem e subordem, já que não são fenômenos que nascem sem intervenção consciente, como os acontecimentos da natureza, mas sim produtos da linguagem humana, pautada de modo invariável pela intencionalidade.

Ao contrário do que apregoa a concepção jusnaturalista, mediante a qual as normas básicas que organizam a vida social emanam de uma imutável “natureza humana”, as múltiplas ordens que perfazem a realidade social consubstanciam-se através de comandos emanados por seres humanos nas interações que estabelecem entre si, nas quais se sobressai o elemento “força”. A identificação dos interesses que motivam cada discurso é uma etapa incontornável no processo de emancipação humana, uma vez que a liberdade nunca aparece desvinculada do recurso material responsável por viabilizá-la.

Aristóteles (1984) foi um dos primeiros filósofos a constatar o óbvio: que todo o móvel da ação humana é a busca da felicidade. Em *Foi apenas um sonho*, Yates põe em questão a capacidade do paradigma ocidental, pautado nos avanços tecnológicos, no consumo desenfreado e na alienação, proporcionar felicidade às pessoas. Os heróis da trama são Frank e April Wheeler, representados no cinema por Leonardo DiCaprio e Kate Winslet, em filme homônimo do diretor Sam Mendes indicado quatro vezes ao Globo de Ouro por melhor filme (drama), melhor diretor, melhor ator dramático (DiCaprio) e melhor atriz dramática (Winslet), tendo sido premiado nessa última categoria.

A história se passa nos anos 50, na região de Connecticut, nos Estados Unidos. Em um país marcado pela prosperidade econômica do pós-guerra, Frank e April, casal aparentemente feliz, desejam uma vida incomum, fora dos padrões convencionais. No entanto, são tragados pelas rotinas profissional e doméstica, tornando-se cada vez mais parecidos com as pessoas que costumavam criticar. Na tentativa de mudar a situação, April elabora o plano de se mudar com a família para Paris, mas uma proposta de promoção no trabalho feita a Frank e uma gravidez indesejada parecem pôr tudo a perder. É quando April prova que está disposta a ir até as últimas consequências no propósito de não se acomodar a um estilo de existência que tanto despreza.

Toda a obra é uma denúncia do *american way of life*, cuja base é o consumo maciço de bens como eletrodomésticos, carros e produtos de beleza, aliado ao domínio dos valores morais burgueses tradicionais, entre os quais se destaca a submissão das mulheres ao patriarcalismo. Embora tenham participado de modo ativo da Segunda Guerra Mundial, as mulheres acabam, nos anos dourados, por experimentar um retrocesso em seu comportamento, em virtude, sobretudo, dos meios

de comunicação, como rádio, revistas e televisão, que disseminavam o ideal da mulher bela e bem arrumada, que se casa cedo, tem filhos, é boa mãe e excelente dona de casa. São emblemáticos do período os anúncios ilustrados por mulheres impecáveis, posando orgulhosas ao lado de televisões e geladeiras.

A obra de Yates retrata temas universais, como o questionamento sobre a capacidade do ser humano criar valores, em vez de só resignar-se à normatividade vigente. Norma, aqui, não deve ser vista na acepção restrita do monismo jurídico, que considera a ordem jurídico-positiva estatal a fonte normativa por excelência, mas sim como uma conformação, que é exercida sobre o sujeito de forma coercitiva e que emana de múltiplas instituições, entre as quais se destacam, na obra de Yates, a família e o espaço laboral.

Barthes considerava o campo literário um *locus* essencialmente interdisciplinar, capaz de articular saberes diversos, chegando a afirmar: “Se [...] todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário” (2007, p.16). *Foi apenas um sonho* exemplifica com maestria a intuição barthesiana, ao articular considerações filosóficas, antropológicas, sociológicas e jurídicas.

### **O TRABALHO ALIENADO COMO ENTRAWE À LIBERDADE**

Por não estar preso às convenções disciplinares que caracterizam o fazer científico, o artista está mais apto a distinguir nuances dos fatos que passariam despercebidas pelos artífices de outros campos da cultura, como juristas, antropólogos e sociólogos. O propósito de todos, porém, é o mesmo: a interpretação da realidade, por meio da qual se procura conferir sentido à experiência. É justamente a busca de significado que está no âmago das inquietações de Frank e April Wheeler, protagonistas de *Foi apenas um sonho: rua da revolução*, de Richard Yates (1926–1992), que traz à tona temas como a discussão sobre as tensões entre liberdade individual e a pressão de conformidade grupal, a submissão feminina no patriarcalismo, os limites entre normalidade e loucura e a possibilidade de autorrealização no trabalho alienado.

Marx constatou que a espécie humana, que no início de seu desenvolvimento fazia uso de seus sentidos e instintos para coletar o que a natureza lhe disponibilizava, veio, no decorrer da história, a produzir seus próprios meios de existência. É nesse

aspecto que repousa a dupla natureza do homem: ao mesmo tempo em que depende, como ser biológico que é, da natureza, o ser humano a transforma todo o tempo, em decorrência de sua ação consciente, transformando a si mesmo nesse processo. Para Marx e Engels, o principal traço distintivo entre os homens e os demais animais é a necessidade que os primeiros apresentam de produzir seus meios de existência:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo que é condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material (2007, p. 87).

Nessa perspectiva, o trabalho corresponde à perpétua resposta do ser humano aos estímulos do ambiente no qual está inserido, mediante a qual ele se constitui como ser genérico:

É precisamente na acção sobre o mundo objectivo que o homem se manifesta como verdadeiro *ser genérico*. Tal produção é a sua vida genérica activa. Através dela, a natureza surge como a *sua obra* e a sua realidade. Por conseguinte, o objecto do trabalho é a *objectivação da vida genérica do homem*; ao não reproduzir-se apenas intelectualmente, como na consciência, mas activamente, ele duplica-se de modo real e intui o seu próprio reflexo num mundo por ele criado (Marx, 1989, p. 165, grifo nosso).

Destaque-se que o intercâmbio material entre homem e natureza não se dá de forma automática, mas sim por intermédio da linguagem, que permite ao ser humano visualizar sua ação no plano mental antes de implementá-la no mundo objetivo. Portanto, Marx entende que a condição humana é definida, sobretudo, pelo trabalho. Contudo, sob a égide do capitalismo, o trabalhador, que não tem a posse dos meios de produção, é obrigado a desenvolver sua atividade laboral seguindo as prescrições de quem os detém - a chamada classe proprietária – de maneira que o que antes era um meio de afirmação do homem torna-se algo que o nega, ou para usar a terminologia marxista, o aliena:

o trabalho alienado subtrai ao homem o objecto de sua produção, furta-lhe igualmente a sua vida genérica, a sua objectividade real como ser genérico, e transforma em desvantagem a sua vantagem sobre o animal, porquanto lhe é arrebatada a natureza, o seu corpo inorgânico (Marx, 1989, p. 165).

A frase que Frank gostava de repetir - “A grande vantagem de um lugar como a Knox é que a gente pode desligar a mente todas as manhãs, às nove horas, e mantê-la desligada o dia todo, e ninguém vai notar” (Yates, 2009, p. 78) – é um exemplo gritante de alienação no trabalho. Uma vez que o trabalho é uma atividade central para produção da cultura, como esclareceu Marx, o trabalho alienado não pode ter outro resultado senão uma cultura alienada, realidade da qual Frank tem uma vaga consciência:

Sentia como se estivesse afundando nas almofadas, nos jornais e nos corpos das crianças, como em areia movediça. Quando finalmente os quadrinhos acabaram, ele se pôs de pé com um leve suspiro e permaneceu no meio do tapete, vários minutos, os punhos cerrados dentro dos bolsos para impedir que de repente, ele tomasse o que parecia ser a única atitude no mundo que realmente queria tomar: pegar uma cadeira e arremessá-la através da janela panorâmica. Que diabo de vida era aquela? Em nome de Deus, qual era o objetivo, o sentido ou o propósito de uma vida assim? (Yates, 2009, p. 59).

Em várias passagens, os personagens comentam como o cotidiano opressor a que são submetidos os moradores nos subúrbios, numa vida entediante que se resume a trabalhar e consumir, é disfarçada pela aura de sentimentalismo que permeia as relações, como se todos estivessem encenando uma gigantesca peça teatral: “É a grande mentira sentimental dos subúrbios, e eu tenho feito você endossar essa mentira todo esse tempo. Tenho feito você *viver* essa farsa! Meu Deus, cheguei a construir pra mim uma imagem piegas, de telenovela [...]” (Yates, 2009, p. 109).

No diálogo seguinte, Frank comenta com John Givings, filho da senhora Givings diagnosticado com problemas mentais, que não gostava de seu trabalho, e recebe uma resposta de uma sinceridade estarrecedora:

- Trabalho pra Knox Business Machines.
- O que você faz lá? Projeta, fabrica, vende, conserta máquinas, ou o quê?
- Ajudo a vender, eu acho. Não tenho muito a ver com as máquinas propriamente ditar; trabalho no escritório. Na realidade, é um trabalho meio chato. É que não tem nada... você sabe... de interessante no meu trabalho.
- “Interessante?” - John Givings parecia ofendido com a palavra. - Você se preocupa se um trabalho é “interessante”? Eu achava que só mulher se preocupasse com esse tipo de coisa. Mulheres e garotos. Não imaginava que você se importasse com isso.
- [...]
- A pele da nuca de Frank formigava de tanta amolação. - O que eu quero dizer - ele explicou - é que não gosto e jamais gostei do meu emprego.

- Por que então você trabalha lá? [...] Tá bem; já sei; não é da minha conta. Isso é o que a velha Helen chama de “falta de tato, querido”. Esse é o meu problema, sabe? Sempre foi. Esquece o que eu disse. Quer brincar de casinha? Tem que ter emprego. Quer brincar de casinha *bonitinha*, casinha *lindinha*? Tem que aguentar emprego que não gosta. Ótimo. É assim que 98,9% das pessoas funcionam; portanto, pode acreditar, amigão, não tem do que se desculpar (Yates, 2009, p. 175-176, grifos nossos).

Quanto maior a alienação no trabalho, menor é a liberdade ostentada pelo trabalhador. Ruth Maria Chittó Gauer (2011, p. 100) considera a liberdade um “tema fundamental para se pensar a normatização da sociedade contemporânea, sobretudo como ferramenta para compreensão das diferenças, da autonomia tanto social como individual, da liberdade do fazer científico e de suas ‘proibições’”. Em *Foi apenas um sonho*, a tensão principal é saber se o indivíduo é capaz de livrar-se das injunções de sua cultura ou não lhe resta outra opção senão adequar-se a elas. Liberdade, em *Foi apenas um sonho*, diz respeito à chance de viver para si, desenvolvendo uma individualidade não massificada:

- Ah, Frank. Será que você acha que artistas e escritores são as únicas pessoas habilitadas a ter vida própria? Escute: não me importe se você precisar passar cinco anos sem fazer coisa alguma; não me importo se, passados cinco anos, você decidir que o que realmente quer é ser pedreiro ou mecânico, ou entrar pra marinha mercante. Você não percebe o que estou propondo? Não tem nada a ver com talento definido, mensurável... é a sua *essência* que está sendo sufocada aqui. É o que você é que está sendo negado e negado e negado nesta vida que estamos levando (Yates, 2009, p. 111, grifos nossos).

A distinção entre o trabalho braçal e o trabalho intelectual, realizada pela divisão social do trabalho, e que, segundo Marx, é um dos componentes da alienação da classe proletária, tem suas raízes no dualismo ocidental, que considera corpo e alma realidades irreduzíveis entre si e atribui a esta última qualidades superiores, como o exercício do livre-arbítrio, enquanto que ao primeiro resta a associação com a necessidade, o sofrimento e a morte.

A divisão do trabalho só se torna realmente divisão a partir do momento em que surge uma divisão entre trabalho material e [trabalho] espiritual. A partir desse momento, a consciência *pode* realmente imaginar ser outra coisa diferente da consciência da práxis existente, representar algo realmente sem representar algo real – a partir de então, a consciência está em condições de emancipar-se do mundo e lançar-se à construção da teoria, da teologia, da filosofia, da moral etc. “puras” (Marx; Engels, 2007, p. 35, grifo nosso).

De acordo com Marx, a emancipação do ser humano passa, necessariamente, pela abolição das fronteiras, criadas de forma artificial, entre as duas esferas, por meio da qual o sujeito consegue alcançar o gozo integral da experiência, em vez de captá-la de forma fragmentada, como impõe, hoje em dia, o capitalismo globalizado.

### **PARADIGMA DUALISTA E PLURALISMO JURÍDICO**

O esforço sistemático para separar teoria e prática, empreendido pela cultura ocidental, observa-se desde Platão (2012), que postulou a existência de uma cisão radical entre o mundo das ideias e o mundo das formas. Embora Aristóteles (1984) não tenha defendido a existência de uma separação nítida entre sensível e inteligível, ele incorre na tendência dualista ao colocar a inteligência como um ato elevado do espírito humano, ao passo que a sensação estaria ligada à animalidade. O cristianismo revela-se tributário do dualismo ao apontar o reino de Deus como o império da verdade, oposto à decadência da realidade sensível, como denunciou Nietzsche (2007a).

Referida tradição chega ao paroxismo com Descartes (2009), que elaborou a distinção entre *res extensa* e *res cogitans*, de natureza respectivamente corpórea e espiritual. Kant (1987, 1988, 2011), a seu turno, advoga a diferença entre a razão pura, base apriorística do conhecimento humano, e a razão prática, destinada a orientar o comportamento cotidiano. As concepções citadas possuem a característica comum de atribuírem uma causa supra-sensível aos fenômenos percebidos pelo sujeito. Em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche deplora o fato de que “todo o nosso mundo moderno está preso na rede da cultura alexandrina e reconhece como ideal o *homem teórico*, equipado com as mais altas forças cognitivas, que trabalha a serviço da ciência, cujo protótipo e tronco ancestral é Sócrates” (2007b, p. 106).

As consequências de se considerar a consciência algo apartado de seu entorno, na área no ensino formal, revela-se na compartimentação das disciplinas, que não dialogam entre si, ou no caso do direito, na ilusão de que a norma é assunto exclusivo de especialistas, como percebe Tarso de Melo (2012, p. 29), segundo o qual a teoria jurídica em geral “sempre se mostrou mais orientada por uma lógica de *especialização* do conhecimento jurídico, isto é, tratar as relações jurídicas, o direito como um todo em ‘si mesmo’, até a radicalização que se consagra no normativismo de Kelsen”, crítica



corroborada por Bauer (2011, p. 103), que compreende que a base epistêmica do direito está “calcada na razão moderna”, dotada de forte caráter instrumental.

Entretanto, assiste-se hoje a uma crise dos modos modernos de ordenação da realidade. Binarismos como consciência/realidade, normal/anormal, homem/mulher, antes/depois, centro/periferia e dentro/fora, que até recentemente orientaram a percepção humana, mostram-se ultrapassados para atender às demandas contemporâneas, por proporcionarem à civilização ocidental uma cosmovisão cindida, que reduz a natureza, na qual a humanidade está inclusa, a um objeto a ser dominado, o que acarreta desdobramentos drásticos dos pontos de vista ambiental e social. Na seara do direito, a nova disposição cognitiva se traduz no pluralismo jurídico, designado por Wolkmer (2001, p. 219) como “a multiplicidade de práticas jurídicas existentes num mesmo espaço sócio-político, interagidas por conflitos ou consensos, podendo ser ou não oficiais e tendo sua razão de ser nas necessidades existenciais e culturais”.

Na medida em que as repercussões do dualismo não se restringem ao âmbito filosófico, atingindo outros espaços da vida, torna-se apropriado, para abarcá-las na sua totalidade, o uso do termo paradigma, tomado aqui na acepção que lhe conferiu Patton (1990, p. 37):

O paradigma é uma visão de mundo, uma perspectiva geral, um modo de desvendar as complexidades do mundo real. Como tal, os paradigmas estão profundamente embutidos na socialização de seus praticantes. Os paradigmas também são normativos, dizendo a seus praticantes o que fazer sem a necessidade de longas considerações existenciais ou epistemológicas.

Paradigma, explica Kuhn (1982, p. 23), diz respeito ao fato de que “o que o homem vê depende tanto daquilo que ele olha como daquilo que sua experiência visual-conceitual prévia o ensinou a ver”. Nessa ótica, teoria e prática estão imbricadas de maneira indissolúvel. Em *Foi apenas um sonho*, o discurso dos personagens vai refletir seu paradigma cultural, ainda que não se dêem conta disso. O ponto alto da vida profissional de Frank Wheeler, por exemplo, é a redação de um texto publicitário que é uma amostra eloquente do esquematismo cartesiano, ao limitar-se à descrição da realidade, sem inová-la:

- Cópia para digitação. Título: Falando sobre Controle de Produção, ponto, ponto, ponto. Parágrafo. Controlar a produção é, vírgula, afinal,

vírgula, nada mais, nada menos, do que colocar os materiais certos no local certo e no momento certo, vírgula, de acordo com um cronograma variado. Ponto, parágrafo. É questão de aritmética, ponto. Considerando todas as variáveis, vírgula, a atividade pode ser desempenhada apenas com papel e lápis, ponto. Mas o Computador Eletrônico Knox 500 realiza a tarefa - travessão, literalmente, travessão - mil vezes mais rápido (Yates, 2009, p. 120).

O sucesso do texto de Frank na sua empresa – “Você precisava ter ouvido o velho Pollock falando ... durante todos esses anos ele nem soube que eu estava vivo e então, de repente, sou o jovem cérebro, o favorito dele” (Yates, 2009, p. 165) – é um indício da mediocridade de seu meio cultural, no qual os indivíduos são moldados a se contentarem com pouco, como comprar uma casa própria e enchê-la de bugigangas, e a darem de si apenas o que o sistema econômico espera delas, nem mais, nem menos. Referida instrumentalização se reflete no plano das relações interpessoais, como provam as palavras que Frank usa para desvencilhar-se de sua amante:

Seria obrigado a dizer “Sinto muito”; e a última coisa que pretendia fazer - a última coisa que, em nome de Deus, pretendia fazer - era pedir desculpas. O cisne pediu desculpas a Leda? Uma águia pedia desculpas? Um leão pedia desculpas? Não, que diabo! Em vez de falar, sorriu para ela - um sorriso sutil, esperto, atraente - e manteve o sorriso até que ela, embora hesitante, sorrisse também. Então, curvou-se e beijou-lhe os lábios, suavemente, e disse: “Escute: você foi incrível. Cuide-se bem” (Yates, 2009, p. 99-100).

Frank e April levam uma vida falsa, e é isto que os infelicitava tanto. Eles são vítimas de uma sociedade unidimensional, que toma o ser humano como um componente em tudo substituível de uma engrenagem mecânica e impessoal e elimina qualquer chance do indivíduo encontrar seu “eu mais próprio”, expressão que Heidegger (2012) utiliza para discutir a questão da autenticidade da existência. É a busca da verdade da existência que impele April a querer ir para Paris, junto com a família. Frank, todavia, prefere conformar-se com as benesses mesquinhas proporcionadas por sua profissão: “No caminho de regresso [...] fez questão de só pensar em coisas agradáveis: na beleza do dia, no trabalho concluído e que agora estava sobre a mesa de Pollock, nos três mil dólares por ano, até na ‘reunião de lançamento’ programada para a manhã seguinte” (Yates, 2009, p. 252). A insatisfação de April com os rumos de sua vida resta patente na divagação abaixo:

Que coisa mais ardilosa e traiçoeira era se deixar levar por um caminho daqueles! Porque, depois que a pessoa se põe em marcha, é extremamente difícil se deter [...] E, quando a pessoa percebe, toda a

franqueza, toda a verdade está tão distante e vaga, tão inalcançável quanto o mundo do faz-de-conta. Então a pessoa descobre que está levando a vida assim como o Grupo de Teatro Laurel atuou em *A floresta petrificada*, ou como Steve Kovivk tocava bateria - com seriedade, incompetência e presunção, e de um modo totalmente errado [...] e então a pessoa se vê, cara a cara, em plena escuridão, diante da constatação de que não conhece a si mesma. E como é possível culpar terceiros por isso? (Yates, 2009, p. 278-279)

A palavra *cultura* não diz respeito a uma abstração total e acabada que o indivíduo recebe de forma passiva. Do contrário, as pessoas não teriam nenhum grau de liberdade, restando-lhe apenas se entregar aos determinismos de seu grupo social. Ainda que a cultura tenha um grande poder de definição dos hábitos individuais, a capacidade de inovar pertence ao sujeito, ensina Arendt:

O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isto, por sua vez, só é possível porque cada homem é singular, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo (1989, p. 191).

As palavras de April quando tenta convencer o marido a acompanhá-la a Paris fazem eco à lição de Hannah Arendt. Ao perguntar à esposa o que seria, Frank obtém a seguinte resposta:

- Você não sabe? Você é o que existe de mais valioso e maravilhoso no mundo. Você é um homem.  
De todas as derrotas que ele sofrera na vida, essa era a que mais se parecia com uma vitória. Jamais sentira entusiasmo tão intenso; jamais o belo brotara da verdade com tamanha pureza; jamais, ao lidar com a esposa, havia triunfado tanto diante do tempo e do espaço. O passado seria dissolvido segundo a sua vontade, e o futuro também; o mesmo se aplicava à paredes daquela casa e à terra devastada e confiante que a cercava... um homem, e porque a criatura fabulosa que abria as portas e se mexia em seu nome, forte e carinhosa, era uma mulher (Yates, 2009, p. 112).

O discurso é o meio de manifestação das representações sociais, que são “simultaneamente condição e produto da prática social” (Schwarcz, 2008, p. 61). Através da noção de representação social, pode-se compreender como o discurso individual reflete os valores grupais, o que é a pedra de toque da investigação antropológica. Gauer (2011, p. 47) lembra que “o valor está imbricado na própria configuração das ideias, não havendo, em muitos casos, liberdade de escolha”.

O conjunto de representações sociais que define determinada cultura equivale a uma espécie de script, um roteiro a direcionar a ação do ator social, o que pode se deprender dos ensinamentos de Berger (2010, p. 108), que vê o papel social como uma “resposta tipificada para uma expectativa tipificada”. A ideia de expectativa aproxima os conceitos de papel e classe. Max Weber (*apud* BERGER, 2010, p. 92) definiu classe “em termos das expectativas razoáveis que um indivíduo pode ter”. Frank, que na juventude era dotado de grandes anseios, acaba, no decorrer dos anos, a reduzir suas expectativas, posto que a classe social à qual ele pertence não lhe oferece possibilidades irrestritas:

- Não estou entendendo - ela disse, com calma. - Acho que seria muito chato se você fosse grande coisa. Mas se você está se perguntando quem disse que você era excepcional, se está se perguntando quem disse que você tinha uma mente de primeira linha, rara... meu Deus, Frank! A resposta é “todo mundo”. Quando o conheci, você era...
- Que diabo! Eu era um cara metido a esperto e que falava demais. Eu fingia ter uma erudição que de fato não tinha. Eu era...
- Nada disso! Como você pode dizer uma coisa dessas? Frank, a coisa está tão ruim assim, que você perdeu a autoconfiança? (Yates, 2009, p. 110, grifo nosso).

Um dos traços mais característicos do conceito de cultura é a ideia da comunhão de valores entre integrantes de determinado grupo, responsável por proporcionar-lhes os sentimentos de pertencimento e de coesão social, como anteviu Durkheim (2008). Tal compartilhamento de valores, porém, não tem apenas um caráter integrativo, do contrário se estaria fechando os olhos para a dimensão política da cultura, definida, antes de mais nada, pelo conflito.

A encenação da peça “A floresta petrificada”, que abre o livro, é um exemplo de que não existe salvação individual, de modo que a liberdade de todos é requisito *sine qua non* para a liberdade de cada um. April e, em especial – Frank, demonstram-se muito empolgados com a experiência teatral – “O principal, no entanto, não era a peça em si, mas o grupo – a ideia ousada, a perspectiva salutar e esperançosa: o nascimento de um bom teatro comunitário, bem ali, no meio daquele público” (Yates, 2009, p. 14) – mas a atuação sofrível do diretor, ao substituir o protagonista que havia adoecido, faz com que seus esforços redundem em fracasso, não por culpa de April, frise-se: “O vírus da calamidade, latente e ameaçador durante todas aquelas semanas, tinha agora aflorado, transmitido pelo protagonista indisposto, e contagiado o elenco inteiro, exceto

April [...] Ela atuava sozinha e, visivelmente, perdia forças a cada fala” (Yates, 2009, p. 15-16).

A frustração com o resultado da peça abre uma crise no relacionamento do casal, a qual April tenta superar com a ideia da mudança para Paris, onde eles encontrariam um ambiente propício para tornarem-se independentes:

Porque tudo o que você dizia estava baseado na premissa de que, de algum modo, somos especiais e superiores a tudo isso, e eu queria dizer “Mas não somos! Olhe pra nós! Somos exatamente iguais às pessoas de quem você fala! Nós somos as pessoas de quem você fala!”. Senti uma espécie de... sei lá... desprezo, porque você não enxergava a mentira da coisa (Yates, 2009, p. 107-108, grifo nosso).

A proposta de April não era infundada: vendendo o que tinham e economizando um pouco antes da viagem, teriam recursos para sobreviver com conforto durante meio ano na Europa, tempo mais do que suficiente para April arranjar uma ocupação. O desejo de April era proporcionar ao marido os recursos de que ele precisava para descobrir a si mesmo. Quando ele indaga o que faria na Europa, April declara:

- Vai fazer o que deveria ter feito sete anos atrás. Vai tentar se encontrar. Vai ler, estudar, fazer longas caminhadas e pensar. Vai ter *tempo*. Pela primeira vez na vida vai ter tempo pra descobrir o que quer fazer e, quando descobrir, vai ter o tempo e a liberdade pra fazer aquilo que você quer (Yates, 2009, p. 106, grifo nosso).

Qualquer pessoa gostaria de ter a oportunidade que April ofereceu a Frank, mas, em uma sociedade patriarcal como os Estados Unidos dos anos 50, era intolerável que um marido fosse sustentado pela esposa, o que se pode inferir da fala de Shep Campbell, amigo do casal: “Outra coisa: que baboseira é esta ideia de que ela vai sustentá-lo? Que tipo de homem é capaz de aceitar uma coisa dessas?” (Yates, 2009, p. 145). Frank, de início, aceita a oferta de April, mas paulatinamente vai deixando a ideia de lado, abandonando-a por completo quando a esposa fica grávida, quando ele encontra o pretexto perfeito para não se mudar para outro país.

A sujeição da mulher aos desígnios do homem, elemento típico do patriarcalismo, aparece em vários momentos do livro, como quando April fica grávida pela primeira vez e propõe ao companheiro fazer um aborto auto-induzido, chegando até a comprar os materiais necessários, e ele fica mais nervoso dela ter tomado a iniciativa sozinha do que com a possibilidade mesma da interrupção da gravidez:

Mesmo enquanto enchia os pulmões para gritar ele estava ciente de que não era a ideia em si que lhe causava repulsa - a ideia em si, só Deus sabia, era bastante interessante - mas o fato de ela ter feito tudo aquilo por conta própria, em segredo, que havia procurado a tal garota e se informado, comprado a seringa de borracha e ensaiado a fala; de quem, se pensara nele, fora apenas como um potencial empecilho ao esquema, fonte de objeções desagradáveis que precisariam ser refutadas e descartadas para que a coisa pudesse ser realizada com a devida eficiência. Essa era a parte intolerável; era isso que fazia a voz dele tremer de indignação:

- Pelo *amor* de Deus, não seja idiota! Você quer se matar? Não quero nem ouvir falar nisso (Yates, 2009, p. 53, grifo nosso).

Em certa altura da história, Frank tenta justificar uma traição afirmando que “a chave da questão foi simplesmente o sentimento de que a minha... bem... a minha masculinidade tinha sido de certo modo ameaçada por todo aquele negócio do aborto; eu queria provar alguma coisa; sei lá” (Yates, 2009, p. 256). A temática do aborto é um convite à reflexão sobre questões sensíveis, como o direito à autodeterminação feminina, configurando-se acima de tudo num problema de saúde pública, pois a criminalização da prática acarreta incontáveis mortes de mulheres, todos os dias, ao redor do mundo. Como disse April, “aquilo era uma coisa que as mulheres faziam todos os dias, com total segurança; a colega de escola fizera pelo menos dois. Ah, realizar o procedimento após o terceiro mês seria diferente; nisso ela era obrigada a concordar com ele” (Yates, 2009, p. 203).

Em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Judith Butler (2015) demonstra que a função primordial da linguagem não é a descrição do real, mas a sua produção, de sorte que a submissão feminina nasce da reiteração de discursos presentes em certo meio social, e não da natureza. Um exemplo de enquadramento da mulher à vontade masculina é a fala de Frank em uma das inúmeras brigas que teve com a esposa:

- Você não vale o trabalho de uma surra. Você não vale a pólvora que eu usaria para te estourar [...] Você é um vazio, uma porra de uma *casca* de mulher... - Era a primeira oportunidade, em meses, para uma briga feia, sem limites, e ele se superou, perseguindo-a e andando em torno dela, enquanto gritava, tremendo e ofegando. - Por que diabo você está morando na *minha casa*, se me odeia tanto? *Hein?* Quer me responder? Por que diabo está grávida do *meu filho?* [...] - Por que diabo você não *se livrou* disso, quando ainda era possível? [...] - O grande aperto que agora começava a ceder dentro dele, no momento em que ele enunciou lenta e calmamente as palavras seguintes, fez com que aquilo parecesse um avanço sem precedentes em direção à

verdade: - Quisera Deus você tivesse se livrado! (Yates, 2009, p. 267, grifos nossos).

Pouco depois, April comete um aborto que equivale a um suicídio, devido ao estágio avançado da gravidez. Ela tinha ciência de que o procedimento envolvia alto risco, tanto que deixou o seguinte bilhete ao marido: “*Caro Frank, Aconteça o que acontecer, por favor, não se culpe. Por um velho e insidioso hábito, quase acrescentou as palavras eu te amo, mas conteve-se e apenas assinou: April*” (Yates, 2009, p. 277, grifos nossos). A obra de Yates tem um cunho desmistificador. O lar deixa de ser o ambiente idealizado pelos meios de comunicação, o “ninho de amor”, para transformar-se em um espaço de opressão, que reproduz em menor escala a coercitividade inerente ao modo de produção capitalista.

### **LOUCURA E SANIDADE NA SOCIEDADE DISCIPLINAR**

O início do século XXI, no que se refere à saúde mental da população, caracteriza-se por uma verdadeira epidemia de transtornos psíquicos, em que “enfermidades neurais como a depressão, o transtorno por déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), o transtorno limite da personalidade (TLP) ou síndrome de desgaste ocupacional (SDO) definem o panorama patológico” (Han, 2012, p.11). Byung-Chul Han (2012) aponta, como ingrediente imprescindível no processo de produção de subjetividade contemporânea, a violência neural, causada, segundo ele, pelo “excesso de positividade” (2012, p. 12) e pela “desaparição da alteridade” (2012, p. 14). Vivemos uma sociedade que rechaça a diferença, assistimos a um processo de universalização do estilo de vida norte-americano que a tudo homogeneiza, vendo os estilos alternativos de existência como ameaça ao seu desejo ilimitado de expansão.

*Foi apenas um sonho* é um prenúncio da conjuntura atual: John Givings e April Wheeler, dois personagens tidos como anormais no seu contexto social, representam o desejo da não resignação a esquemas preestabelecidos de ação. Suas falas refletem a verdade, por isso são tão incômodas. Quando April pressiona Frank a ir para Europa, ele covardemente insinua que ela estava perdendo a sanidade mental, sugestão que ela, de certo modo, acaba por acatar:

- Será que não há forças operando aqui das quais você não tem plena consciência? Forças que você não está percebendo? [...] Coisas que

nada têm a ver com a Europa - ele disse - nem comigo. Coisas dentro de você mesma, coisas que têm origem na sua infância... na sua criação etc. Coisas emocionais [...].

- Você está querendo dizer que eu sou emocionalmente desequilibrada.

- Eu não disse isso! - Mas, no decorrer da hora seguinte, enquanto a voz prosseguia, ele repetiu a insinuação diversas vezes e de diversas maneiras. Não era provável, afinal, que uma mulher que fora rejeitada pelos pais desde o nascimento desenvolvesse uma relutância em ter filhos? [...]

- Está bem - a voz dela disse, melancolicamente. - Está bem, acho que tudo isso é verdadeiro. Estou agindo de acordo com um padrão comportamental compulsivo, ou seja lá que nome dão a isso (Yates, 2009, p. 209-210).

O irônico é que o fato de April não ter tido uma “família estruturada” é que fez dela uma pessoa mais livre que Frank. Até os cinco anos, April morou com uma tia, depois com outras tias ou amigas. Seu pai se suicidou no quarto de um hotel e a mãe faleceu alguns anos depois, após internação numa clínica para tratamento de alcoólatras. A experiência de não ter crescido com figuras paternas fortes transformou April em uma pessoa desenraizada, disposta a experimentar, enquanto Frank é mais propenso ao tradicionalismo, que apela de invariavelmente à existência de valores imutáveis:

- Você é mesmo uma pessoa bem mais moral do que eu, Frank. Acho que é por isso que te admiro. – Mas não parecia, nem soava, admirada [...].

- Não sei, não. Não vejo o que isso tenha a ver com ser “moral”. Digo... *você sabe*, não no sentido convencional de moralidade [...].

- Existe algum outro sentido? – ela perguntou. – “Moral” e “convencional” não significam a mesma coisa?

Teve vontade de bater na cara dela [...] Em qualquer outro mês da vida de casados ele teria se levantado e gritado: “*Meu Deus*, quando você vai superar essa mania [...] de denegrir todo e qualquer valor humano decente, com uma observação engraçadinha, sensível e esnobe? [...] “Escute! Talvez os *seus* pais vivessem assim; talvez *você* tenha sido criada com essa baboseira chique, mas já é hora de você perceber que essa porra nada tem a ver com o mundo real” (Yates, 2009, p. 207-208, grifos nossos).

A discussão suscitada por Yates mostra como as categorias normal, anormal e patológico estão impregnadas de valores morais, tema que também é abordado na obra de Canguilhem (1904-1995) e Foucault (1926-1984), pensadores que se ocuparam em compreender os processos de produção da subjetividade. Canguilhem (2006, p.138), indo na contramão da avaliação quantitativa da patologia, realizada por Comte, considera a doença “uma experiência de inovação positiva do ser vivo, e não apenas um



fato diminutivo ou multiplicativo”, decorrente da contínua adaptação do organismo com seu entorno. Roudinesco (*apud* Ramminger, 2008, p. 86) explica que Foucault, com seus estudos sobre a disciplinarização da sociedade moderna, “substituiu a concepção canguilheniana de uma norma produzida pela vida por uma noção de norma construída pela ordem social e portadora de normalização. Ou seja, opunha uma normatividade social à normatividade biológica”.

A obra de Yates traz críticas implícitas à psicanálise, que muitas vezes se assemelha mais a uma técnica de controle social do que a um instrumento capaz de proporcionar saúde mental. Frank, que em frequentes ocasiões tentou estigmatizar April com o rótulo da anormalidade, não passa incólume por todo o ocorrido. Ele se tornou comedido, adquiriu uma risada tímida, como se a vida contida nele tivesse se retraído, descreve Shep Campbell: “E o pior de tudo: ele tinha se tornado um chato. Deve ter passado ao menos uma hora falando daquele emprego medíocre, e só Deus sabe quantas horas ele ficou falando do outro assunto predileto: “Minha análise isso... minha análise aquilo” (Yates, 2009, p. 300).

A obra de Yates é uma denúncia contundente da hipocrisia e da impiedade contemporâneas, que podem ser exemplificadas por dois trechos do livro. No primeiro, a senhora Givings espera que Frank e April recebam seu filho, que está internado no hospício estadual, a fim de auxiliar no processo de reabilitação do rapaz:

- Espero que não seja um abuso- ela ensaiou, num murmúrio, enquanto enxugava a louça do chá na pia da cozinha-, mas é que eu queria pedir a vocês um grande favor. Tem a ver com meu filho John...  
- Ah, pouco importava o fraseado; ela encontraria as palavras certas quando chegasse o momento e sabia que o Wheeler compreenderiam. Gente boa; gente boa; ela sabia que compreenderiam (Yates, 2009, p. 153-154).

Realmente, Frank e April eram, não obstante todos os seus defeitos, gente boa. Receberam o filho da senhora Givings com muito respeito, embora não tivessem nenhuma obrigação de fazer isso. Frank ouvia com atenção o que ele tinha a dizer e não o menosprezava, apesar da compreensível apreensão que demonstraram antes de recebê-lo, dado o inesperado situação:

- Que situação tensa, não? Como será ele? Acho que jamais conheci um louco, você já? Isto é, um louco com diagnóstico de louco [...] - Quanto você quer apostar - Frank disse - que ele vai ser bem parecido com todos os loucos não-diagnosticados que conhecemos? Vamos ficar tranquilos e aceitá-lo como ele é.

- Claro, Você tem razão [...] Você sempre tem a intuição certa sobre esse tipo de coisa. Você é mesmo uma pessoa generosa e compreensiva, Frank (Yates, 2009, p. 171).

Contudo, no fim da história, como paga à atenção que seu filho recebeu de Frank e April, a senhora Givings os ataca durante conversa com o marido: “- Ah, eu gostava muito dos Wheeler, mas eles eram um tanto ... um tanto esquisitos para o meu gosto. Um tanto neuróticos” (Yates, 2009, p. 305). *Foi apenas um sonho* é um retrato de uma sociedade sem empatia, na qual as pessoas são incapazes de compadecer-se com o sofrimento alheio, como se pode observar na reação de Shep e Milly à agonia e morte de April. Shep comportou-se como um idiota no momento mais crítico de April, indo atrás de café para si e para Frank enquanto ainda não tinha informações seguras sobre o real estado da mulher que amava, o que Yates descreve de modo impiedoso: “Demorou muito a encontrar o caminho de volta, e sempre haveria de se lembrar do que estava fazendo - andando a passos miúdos por corredores, levando dois copos de café, com um sorriso tolo [...] era isso que ele estava fazendo quando April Wheeler morreu” (Yates, 2009, p. 290-291).

Milly demonstrou especial atenção com a confecção de sanduíches, como se tal banalidade fizesse realmente algum sentido diante da irreversibilidade da morte de sua melhor amiga: “Até aquele momento saíra-se muito bem [...] ‘A vida segue em frente’, sua mãe sempre dizia, ao preparar sanduíches no dia de um falecimento” (Yates, 2009, p. 293). A preocupação exagerada de Shep e Milly com a própria performance demonstra que eles não haviam compreendido com clareza a gravidade da situação, de tão autocentrados que eram: “Segundo Milly Campbell, que repetiu a história inúmeras vezes ao longo dos meses subsequentes, tudo transcorreu da melhor maneira possível [...] considerando que foi a coisa mais terrível que nos aconteceu na vida” (Yates, 2009, p. 297).

*Foi apenas um sonho* descreve uma sociedade onde um individualismo extremado cria um abismo entre as pessoas, como se pode perceber na cena que encerra o livro, na qual a senhora Givings continua reclamando de Frank e April a seu marido e ele finge escutá-la, enquanto na realidade está com o aparelho de surdez desligado.

## CONCLUSÃO

Em *Foi apenas um sonho*, a normalidade corresponde mais à sujeição individual às expectativas alheias do que a um índice de sanidade, tanto que April Wheeler e John Givings, dois dos personagens mais lúcidos do enredo, por desejarem com veemência a expansão de suas próprias vidas, recebem o estigma da loucura, enquanto os que se assujeitam aos ditames de uma sociedade doente, como Frank e a senhora Helen Givings, são considerados normais.

A grande qualidade de *Foi apenas um sonho* é não apresentar uma imagem maniqueísta dos personagens, principalmente os protagonistas. Impossível não amá-los, apesar de suas contradições e de seus pequenos pecados. Frank e April comportam-se como crianças. Sabem que algo está errado, mas não conseguem nomeá-lo e muito menos mobilizar seus recursos para superar as adversidades as quais são submetidos. *Foi apenas um sonho* descreve uma sociedade na qual as pessoas não vivem conforme os próprios interesses, sacrificando-se em prol da reprodução biológica e econômica.

Desde o fim da Segunda Guerra, o direito vem se aproximando de outros domínios disciplinares, já que a concepção “pura” do fenômeno jurídico, apartada de contribuições oriundas de outros campos teóricos, revelou-se capaz de justificar os regimes jurídicos mais desumanos, como o adotado na Alemanha nazista. Assim, a literatura, que traz a intertextualidade em sua essência, pode contribuir para uma compreensão mais alargada do direito, tão necessária no momento atual, em que o processo de globalização propaga cada vez mais intensamente, entre os países do mundo, os problemas narrados na obra de Yates.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- ARISTÓTELES. *Metafísica (Livro I e Livro II). Ética a Nicômaco. Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BERGER, Peter L. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BRITO, Antonio José Guimarães. Etnicidade, alteridade e tolerância. In: COLAÇO, Thais Luzia. *Elementos de antropologia jurídica*. Florianópolis: Conceito Editorial, 2008.

- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 [1966].
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- GAUER, Ruth Maria Chittó. *A fundação da norma: para além da racionalidade histórica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.
- HAN, Byung-Chul. *La sociedad del cansancio*. Barcelona: Herder, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. v.1.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. v. 2.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- MELO, Tarso de. *Direito e ideologia: um estudo a partir da função social da propriedade rural*. São Paulo: Dobra Editorial, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiadamente humano*. São Paulo: Escala, 2007a. 304p.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.
- PATTON, Michael Quinn. *Qualitative evaluation and research methods*. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1990.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates, Eutífron, Críton, Fédon*. Curitiba: Hemus, 2012.
- RAMMINGER, Tatiana. Entre a normatividade e a normalidade: contribuições de G. Canguilhem e M. Foucault para as práticas de saúde. *Mnemosine*, v. 4, n. 2, p. 68-97, 2008. Disponível em: <<http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/148>>. Acesso em: 19 out. 2015.
- RATTNER, Henrique. *Cultura, personalidade e identidade*. Disponível em: <[http://nead.uesc.br/arquivos/pedagogia/reoferta I/antropologia e educacao/artigo-cultura\\_personalidade e identidade.doc](http://nead.uesc.br/arquivos/pedagogia/reoferta_I/antropologia_e_educacao/artigo-cultura_personalidade_e_identidade.doc)>. Acesso em: 13 out. 2015.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- WOLKMER, Antonio Carlos. *Pluralismo Jurídico: fundamentos de uma nova cultura no direito*. São Paulo: Alfa Omega, 2001.

YATES, Richard. *Foi apenas um sonho (Rua da Revolução)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.